A EVOLUÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DO VERDADEIRO RUDOLF STEINER

*Cinco conferencias pronunciadas
em Berlim de 31 de outubro a 5 de
Dezembro de 1911 (GA 132).*

Primeira conferência.

Berlim, 31 de outubro de 1911.

Se quisermos continuar desenvolvendo as idéias que elaboramos no ano passado em nosso trabalho do grupo de estudos teremos que adquirir, todavia, certos conceitos, representações e pontos de vista diferentes dos que foram mencionados até o momento. Sabemos que era impossível compreender os Evangelhos – e outros documentos espirituais – sem o conhecimento prévio da evolução de todo o nosso sistema universal que corresponde às incorporações do nosso planeta através da existência saturnal, da existência solar e lunar até a atual existência terrestre.

Quem recorda, quantas vezes tivemos que recorrer a essas representações básicas percebe o quanto elas são indispensáveis para toda a contemplação oculta da evolução humana. Examinando o que foi dado – por exemplo na “Ciência Oculta” –, referente a evolução no Antigo Saturno, no Antigo Sol e na Antiga Lua até a Terra, mesmo esses dados tendo sido muito mais detalhados, vocês admitirão que não se pode tratar de outra coisa que de um esboço, de indicações feitas à partir de um ângulo e de um ponto de vista determinados. Assim como a existência terrestre abrange uma quantidade infinita de detalhes, é totalmente lógico que o mesmo valha para os estados do Antigo Saturno, Sol e Lua e que, portanto, o que podemos oferecer seja apenas um desenho a carvão com traços muito toscos, uma espécie de esboço. A nós, no entanto, falta uma caracterização da evolução à partir de outro ângulo.

Ao perguntarmos sobre a origem de todos os dados que foram colocados naquele livro ficamos sabendo que eles provêm das chamadas inscrições na Crônica do Akasha. Sabemos que os fatos passados e presentes da evolução do mundo se lêem ali como uma gravação, em uma fina substância espiritual, a substância akashica. De tudo que aconteceu alguma vez, existe uma inscrição que permite deduzir como foram as coisas em tempos anteriores. Assim como para o olhar comum os fenômenos particulares do mundo físico, quando estão próximos, se apresentam com maior nitidez que vai se perdendo na medida que aumenta a distância. Do mesmo modo, os fatos mais recentes no tempo, pertencentes à evolução terrestre ou lunar, admitem uma descrição mais precisa. Ao contrário, os fatos mais distantes, adquirem contornos menos nítidos, por exemplo, quando nos remontamos clarivamente a existência saturnal ou solar.

Mas, por qual razão atribuímos importância à investigação de épocas tão longínquas? Alguém poderia dizer: com que objetivo os antropósofos falam, ainda hoje, de coisas tão antigas? Por que se ocupar de assuntos tão remotos? Por acaso não é suficiente o que ocorre na atualidade?

Dizer isso seria um grave erro. Pois o que se sucedeu alguma vez, segue sucedendo-se sem interrupção ainda no presente. Os acontecimentos no período saturnal não se limitam apenas àquela época, mas, continuam se desenvolvendo ainda hoje com a diferença que são recobertos, que estão invisíveis devido àquilo que rodeia exteriormente o homem no plano físico. Precisamente, o antigo estado saturnal, que existiu há tanto tempo, se faz hoje completamente invisível. No entanto, essa antiga existência saturnal afeta o homem ainda hoje. Para fazermos uma idéia do quanto isso nos interessa consideremos o seguinte.

Sabemos que o núcleo mais íntimo do nosso ser se nos apresenta como nosso “Eu”. Para o homem atual esse Eu, o centro de nosso ser, é, por certo, uma entidade verdadeiramente supra-sensível e imperceptível. Tão imperceptível que, atualmente, existem teorias da alma nas chamadas psicologias oficiais que já não têm a menor idéia sobre a natureza do Eu, inclusive, não tem idéia da existência desse Eu.

Freqüentemente, tenho chamado a atenção sobre a bela expressão que foi surgindo, paulatinamente, na psicologia alemã do séc. XIX. Refiro-me à "teoria anímica sem alma" da escola de Wundt. Hoje, mundialmente famosa exerce influencia decisiva – não somente na Alemanha como também em todas as partes onde se fala em psicologia –, foi um fator especialmente determinante para essa “teoria anímica sem alma”. Se bem que o termo não tenha sido criado por ele, a “teoria anímica sem alma” poderia ser caracterizada por uma descrição das qualidades anímicas, sem levar-se em conta um ser anímico independente, no qual, convergissem primeiro todas as qualidades da alma como em um foco, quer dizer, se unindo num Eu. É impossível imaginar um disparate maior. No entanto, esse disparate introduziu-se na teoria anímica e a psicologia atual está inteiramente sob a sua influência. Hoje em dia, a “teoria anímica sem alma” tornou-se famosa em todo o mundo. Futuros historiadores da cultura do nosso tempo terão uma árdua tarefa quando quiserem explicar, de alguma forma, aos nossos descendentes, como foi possível que, no século XIX e adentrando no século XX, algo assim tenha sido admirado como a obra máxima no campo psicológico. Digo isso unicamente para assinalar a confusão que, precisamente na psicologia oficial reina sobre o Eu que nós descrevemos como o ponto central da entidade humana.

Se pudéssemos apreender o Eu em sua verdadeira essência e o colocássemos perante nós como se fosse o corpo físico exterior. Se pudéssemos procurar o ambiente do qual depende o Eu, na mesma medida, em que o corpo físico depende do que se vê exteriormente mediante os olhos e se percebe com os sentidos. Se pudéssemos, buscar o ambiente do Eu como no reino físico encontramos nosso ambiente nas nuvens, montanhas, etc. Se procurássemos, aquilo de que depende o Eu, como por exemplo, o corpo físico depende de seus alimentos. Então, ainda hoje chegaríamos a uma característica do mundo, a um quadro universal que, de certa maneira impregna nosso ambiente circundante. Que se acha inserido nele de forma invisível e que é idêntico ao quadro universal do antigo estado saturnal. Esse mundo está oculto e é um

mundo supra-sensível para o homem. Em seu atual nível evolutivo o ser humano não estaria em condição de suportá-lo. Ele está vedado pelo "guardião do limiar" para que, de imediato, se mantenha oculto perante o homem. Requer-se um certo grau de desenvolvimento espiritual para que se possa suportar semelhante quadro.

De fato, essa é uma visão à qual é necessário primeiro acostumar-se. Antes de tudo, vocês terão que fazer uma idéia do que é necessário tão somente para se chegar a perceber, como algo real, um quadro universal desse tipo. Para isso, vocês deverão prescindir de tudo o que é perceptível por meio dos sentidos. Inclusive, o vosso mundo interior teria que desaparecer no que se refere às emoções comuns. O mesmo é válido para as representações comuns que vivem no ser humano. Quer dizer, em relação ao mundo exterior vocês deveriam suprimir o perceptível pelos sentidos e ao interior, as emoções e representações. Assim, se queremos ter uma idéia do estado anímico no qual o ser humano, necessariamente submerge, ao perceber com total realidade que tudo está eliminado, mas que, ele ainda permanece. Não lhe resta outra coisa além de sentir um estremecimento, um temor ante o vazio infinito que se abre à sua volta. De algum modo, temos que sentir que o nosso ambiente está inteiramente impregnado, tingido, por aquilo que nos causa estremecimento e temor. Ao mesmo tempo, temos que ser capazes de vencer esse temor com firmeza interior e com a segurança do nosso ser. Sem essas duas sensações anímicas, o estremecimento e temor perante o vazio da existência e a superação do temor, nem sequer chegaremos ao vislumbre de como a antiga existência saturnal está na origem da nossa existência cósmica.

Essas duas sensações, tais como as que acabamos de caracterizar, são muito pouco cultivadas pelos seres humanos. Portanto, na literatura figuram somente algumas descrições isoladas desse estado anímico que, desde cedo, foi conhecido por aqueles que no decorrer dos tempos, por meio de faculdades clarividentes, tratavam de chegar ao fundo das coisas. Mas, na literatura exterior escrita ou impressa, encontramos poucas referências a seres humanos que hajam percebido algo como o estremecimento ante o vazio infinito da existência e, menos ainda, a superação de tal estremecimento. Para obter uma espécie de perspectiva exterior desse assunto, busquei na literatura mais recente onde poderia ler-se algo parecido com este estremecimento ante o vazio incomensurável dentro de um ser humano. De modo geral os filósofos são terrivelmente inteligentes. Se expressam com conceitos claros e evitam falar das impressões grandes e imponentes. É difícil encontrar algo a esse respeito em seus escritos. Não quero deter-me na descrição de minha busca infrutífera. Mas, uma vez, encontrei um pequeno vislumbre dessas sensações. O encontrei, precisamente, no diário do hegeliano Karl Rosenkranz, onde ele descreve, às vezes, sentimentos muito íntimos que lhe geravam a vivência da filosofia de Hegel. Descobri uma passagem estranha que denota certa inocência. Karl Rosenkranz esclarece a si mesmo que a filosofia hegeliana parte do "puro ser". Na literatura filosófica do século XIX se gastou muita tinta sobre este "puro ser" de Hegel. Mas, dizendo a verdade, sem se ter entendido muito sobre isso. Gostaria de dizer – supondo isso ser possível unicamente nos círculos mais íntimos – que a filosofia da segunda metade do século XIX compreende o "puro ser" de Hegel tanto quanto um boi entende o que é o domingo, depois de ter pastado toda semana anterior. É um conceito gasto esse "puro ser" de Hegel. Não no

que se refere ao ente e sim ao ser. É um conceito que, realmente, ainda não é o que acabo de caracterizar como o vazio estremecedor que inspira temor. Mas, o espaço inteiro no ser hegeliano está tingido da qualidade que carece de tudo aquilo que poderia ser experimentado pelo ser humano. Um infinito preenchido de ser. Uma vez, Karl Rosenkranz o percebe como sentir-se sacudido pavorosamente pelo frio do espaço universal que não contém nada além do ser.

Para compreender o que fundamenta o cosmos não é suficiente discutir, formar conceitos e idéias sobre isso. Ao contrário, é muito mais necessário que consigamos representar a sensação que surge frente ao vazio infinito da antiga existência do antigo Saturno. Basta apenas, vislumbrá-lo para que a alma comece a sentir o estremecimento. Se queremos nos elevar clarivamente até a contemplação do estado saturnal, nossa preparação terá de consistir, efetivamente, em adquirir um sentimento, a princípio, similar à sensação que, em maior ou em menor grau, é conhecida por todo mundo: a sensação de vertigem na alta montanha. Quando o homem está na borda de um abismo e acredita ter perdido todo solo firme sob seus pés. Uma sensação de não poder permanecer em nenhum lugar e, portanto, de estar entregue às potências, às forças que escapam ao seu domínio. Isto, não obstante, é somente o elementar, o sentimento inicial. Pois, não se perde somente o solo sob os pés, mas também, tudo que vêem os olhos, ouvem os ouvidos, tocam as mãos. Quer dizer, tudo o que se encontra no ambiente espacial. Por conseqüência, o ser humano não tem outra alternativa a não ser perder todo o pensamento, sumindo-se assim, em uma espécie de sono ou sonho que tampouco permite algum conhecimento. Penetra-se em tal sensação e, isso conduz, inevitavelmente, ao mencionado estado de estremecimento. Mas, deve-se estar preparado. Caso contrário, o homem estará preso a uma sensação de vertigem impossível de vencer.

Chegando a este ponto, existem duas possibilidades para o homem atual. Uma possibilidade segura é ter compreendido os Evangelhos. O Mistério do Gólgota. Sua real compreensão em toda sua profundidade, naturalmente, não é à maneira dos teólogos modernos, mas sim, absorvendo dele, o mais profundo que o homem possa vivenciar interiormente. Isso, leva para o vazio algo similar à coragem que vai aumentando a partir de um ponto e que preenche todo aquele vazio. É um sentir-se a salvo por estar unido com a entidade que, no Gólgota, consumou o sacrifício. Este é um caminho. O outro é penetrar os mundos espirituais sem os evangelhos. Penetrá-los mediante a autêntica e verdadeira Teosofia (Antroposofia). Isso também é possível. Como vocês sabem, nós repetimos sempre o fato de que não partimos dos Evangelhos quando contemplamos o mistério do Gólgota, e sim, que chegaríamos igualmente a ele sem a existência dos mesmos. Isso foi impossível antes do acontecimento do Gólgota. Hoje, isto é realizável, pois o mistério do Gólgota trouxe algo ao mundo que faz com que o ser humano possa compreender o mundo espiritual imediatamente, à partir de suas próprias impressões. Isso é o que podemos denominar como o atuar do Espírito Santo no mundo, o atuar dos pensamentos universais no mundo.

Levando-se um ou outro conosco, nós não poderemos nos perder. Não poderemos nos precipitar no abismo insondável quando estamos frente ao vazio pavoroso. Quando nos aproximamos desse vazio pavoroso com uma preparação adquirida por diferentes meios que se dispõe, como por exemplo, no livro "Como se adquire o co-

nhecimento dos mundos superiores” e outras que sobre esta base vão mais além. Quando penetramos o mundo espiritual, um mundo que já não tem nada que comova nossa alma nem que possa ser apreendido por nossa atividade representativa. Quando, dentro deste mundo, vamos nos adaptando, de certa forma, a existência saturnal. Então chegamos a conhecer certas entidades, de modo algum comparáveis ao reino animal, ao vegetal ou mineral. Nos encontramos em um mundo sem nuvens, sem luz, sem sons. Não obstante, conhecemos estas entidades que são precisamente aquelas que, de acordo com a nossa terminologia, se denominam os Espíritos da Vontade ou Tronos. Esses Espíritos da Vontade se nos apresentam como algo verdadeiramente objetivo, se poderia dizer, como um mar ondeante de coragem.

Por meio da clarividência, converte-se em realidade presente o que, de forma geral, pertence unicamente ao âmbito das representações. Pensem que vocês estão submersos no mar. Mas, submerso como um ser espiritual que se sente inteiramente unido a entidade do Cristo. Que se sente levado por ele, nadando, não em um mar de água, e sim em um mar que preenche o espaço infinito e para o qual não cabe outra denominação que a de mar de coragem fluente, energia fluida. Não é simplesmente um mar indiferente e indiferenciado. Mas sim, que abrange todas as possibilidades e diferenciações relacionadas com o que qualificaríamos de sentido de coragem. Chegamos a conhecer entidades que, se bem que consistindo unicamente de coragem, não deixam de ser específicas. Que não sendo outra coisa que coragem, no entanto, estão frente a nós, como seres totalmente concretos. Naturalmente, parece muito estranho que nos encontremos com entidades tão reais como o homem de carne e osso e que, no entanto, não são de carne e osso, mas sim de coragem. Mas, é assim. Os Espíritos da Vontade são entidades dessa natureza. Primeiramente, nós descrevemos a existência saturnal apenas em relação ao que representam os Espíritos da Vontade que consistem em coragem, nada mais. Inicialmente isto é Saturno. Difícil dizer que esse mundo seja redondo, hexagonal ou quadrado. Todas as indicações de espaço deixam de ser aplicáveis, porque ali não existe fim. Voltando novamente a imagem do mergulho, podemos dizer: não é um mar no qual chegaríamos a uma superfície, ao contrário, para todos os lados encontraremos sempre Espíritos da Coragem ou da Vontade.

Em futuras conferências explicarei porque não se chega imediatamente a este estado. Aqui, quero manter a ordem costumeira: Saturno, Sol e Lua. Se bem que, seria muito melhor, proceder de modo inverso; da Terra até Saturno tal como, clarividentemente, ocorre na realidade. Agora, farei a caracterização ao contrário já que, nesse caso, isso não faz diferença.

O estranho é que, quando alguém se eleva a esta contemplação, surge um fenômeno extraordinariamente difícil de imaginar para todo aquele que não procure obter esse tipo de representações mediante um esforço lento e paulatino. Agora, cessa algo que está ligado, tanto ou mais que qualquer outra coisa, à capacidade representativa comum do ser humano: termina o espaço. Carece de sentido dizer que se está nadando acima ou abaixo, adiante ou atrás, à direita ou à esquerda, ou seja, aplicar qualquer condição de espaço. Não tem sentido no caso do antigo Saturno. Tudo é igual a esse respeito. O importante, no entanto, é que ao retroceder aos primeiros tempos da existência saturnal, cessa também o tempo. Já não existe nem antes, nem de-

pois. Naturalmente, é muito difícil para o ser humano atual representar-lhe isto. Porque, sua própria atividade representativa transcorre no tempo. Um pensamento é anterior ou posterior a outro. Por outro lado, a única maneira de descrever o fato de que o tempo deixa de existir, é por meio de um sentimento que, novamente, não é nada agradável. Imaginem como se todas as suas representações fossem como que petrificadas. De modo que, todas as suas recordações e propósitos se congelaram e vocês se sintam fixados em sua atividade representativa. Totalmente imobilizados. Então, não poderão dizer que uma experiência anterior tenha sido "antes". Estão presos a ela. Ela está, mas está petrificada. O tempo deixa de ter significado. Não existe. Por isso, não tem absolutamente nenhum sentido perguntar: Você que está descrevendo a existência saturnal, lunar, etc, por que não nos diz o que houve antes de Saturno? "Antes", já deixou de existir. Pois o tempo não tem nenhum sentido e deve-se desistir de toda determinação temporal. Pode-se dizer de uma maneira muito comparativa que, no antigo Saturno, o mundo está fechado em tábuas onde o pensamento e a clarividência devem deter-se. Já muito antes os pensamentos comuns ficaram para trás, não chegaram até aí. Expressando-se em uma imagem comparativa, poderia dizer-se que o cérebro está congelado. Percebendo essa rigidez, teríamos uma idéia aproximada de uma consciência que já não se desenvolve dentro dos limites do tempo.

Chegando-se a esse ponto, percebe-se uma estranha modificação no quadro geral. À partir da rigidez e da atemporalidade que caracterizam o mar infinito de coragem com suas entidades, os Espíritos da Coragem, penetram e introduzem seres de outras hierarquias. Apenas no momento de perceber a não existência do tempo, nos damos conta de que outros seres interatuam ali. Percebe-se um viver indefinido, do qual não se pode dizer que se tenha uma vivência própria, e sim que está. Que existe dentro do mar infinito de coragem. Nota-se algo como um relampejar, um clarão que atravessa aquele mundo. No fundo, não é um relampejar e sim, mais um fosforescer. É uma primeira diferenciação. Um fosforescer que não produz a impressão de luz fosforescente. Para explicá-lo, deve-se recorrer a outra coisa como freqüentemente ocorre nestes assuntos. Por isso, representem-se o seguinte: vocês se encontram com alguém que lhe diz algo, e vocês sentem... Como ele é inteligente! E a medida que o outro vai falando essa sensação aumenta até o sentimento. Este é um sábio! Que infinidade de coisas deverá ter vivido para falar com tanta sabedoria! Vocês sentem como emana dessa personalidade algo similar a um hálito mágico. Representem este hálito mágico infinitamente intensificado. Surgindo como nuvens no mar de coragem. Nuvens que não relampejam, que fosforescem. Tudo isso junto, lhes transmite uma idéia de como dentro da hierarquia dos Espíritos da Vontade, atuam entidades que são inteiramente sabedoria. Uma sabedoria que atua irradiando. Que não é unicamente sabedoria, e sim sabedoria irradiante. Resumindo, vocês obtêm uma representação do que é a percepção clarividente dos Querubins. São os Querubins que interatuam ali. Agora, imaginem que ao vosso redor não há absolutamente nada, a não ser o que acabo de descrever. Somente acentuarei com certa ênfase: não podemos dizer que algo esteja ao nosso redor, e sim que simplesmente está, tal qual o caracterizei. É necessário compenetrar-se desse pensamento. A idéia de que se percebe um relampejar não é de todo correta. Por essa razão, diz-se que não é um relampejar, e sim um fosforescer, pois tudo é simultâneo. Não é que uma coisa nasça e a outra desapareça,

mas tudo é simultâneo. Então chegamos a perceber uma relação entre os Espíritos da Vontade e os Querubins. Surge a sensação de que se interrelacionam. Tomamos consciência disso. Quer dizer, tomamos consciência de que os Espíritos da Vontade ou Tronos oferecem aos Querubins sua própria entidade. É esta a última representação a que se consegue chegar quando, para trás, nos aproximamos de Saturno. Os Espíritos da Vontade que se sacrificam, que elevam seus sacrifícios até os Querubins. Além disso, não se pode retroceder. Ali, o mundo está fechado com tapumes. Vivenciando-se esse sacrifício dos Espíritos da Vontade frente aos Querubins, arranca-se algo de nosso ser. Algo que podemos expressar unicamente assim: pelo sacrifícios que os Espíritos da Vontade entregam aos Querubins, nasce o tempo. Mas, não o tempo abstrato que mencionamos geralmente, e sim, uma entidade independente.

Agora, podemos começar a falar de algo que começa. O tempo começa com o nascimento de entidades do tempo, que não são outra coisa que mero tempo. Nascem entidades que consistem unicamente em tempo; são os Espíritos da Personalidade que, dentro das hierarquias das entidades espirituais, conhecemos como os Arqueus. Na existência Saturnal não são senão tempo, na nossa os descrevemos também como Espíritos do Tempo, espíritos que regulam o tempo. Mas os espíritos que nascem em Saturno, são entidades que consistem tão somente em tempo.

É algo extraordinariamente importante participar deste sacrifício dos Espíritos da Vontade frente aos Querubins e do nascimento do tempo. Somente agora, ao nascer do tempo, aparece algo que nos permite encontrar alguma analogia entre o estado saturnal e o nosso ambiente atual. Pode-se dizer, a fumaça do sacrifício dos Tronos que dá nascimento ao tempo, é o que denominamos de o calor de Saturno. Por essa razão, ao descrever as condições de Saturno, eu sempre dizia antes que este estava em "estado calórico". Comparando-o com todos os elementos que nos rodeiam atualmente, Saturno nos permite falar apenas de um estado calórico. Mas esse calor nasce como calor de sacrifício que os Espíritos da Vontade oferecem aos Querubins. Por sua vez, esse fato nos ensina como pensar verdadeiramente sobre o fogo. Onde vemos fogo, onde sentimos calor, não deveríamos pensar de uma maneira tão materialista como o homem moderno se acostumou a fazer com tanta naturalidade. Ainda atualmente, onde percebemos calor, existe invisivelmente ao nosso redor, como um fundamento espiritual, o sacrifício dos Espíritos da Vontade frente aos Querubins. O mundo somente adquire sua verdade, se sabemos que por trás de cada manifestação calórica existe um sacrifício.

Na "Ciência Oculta" se descreveu mais o estado exterior de Saturno para não se desconcertar em demasia os leitores. Muitos já se sentiram molestados, e aqueles que somente sabem pensar no sentido científico atual, consideram esse livro um mero disparate. Mas, imaginem vocês o efeito se alguém dissesse que a essência íntima, o fundamento do antigo Saturno, é precisamente o fato de que as entidades pertencentes aos Espíritos da Vontade ofereçam aos Querubins. Que o tempo nasce à partir da fumaça dos sacrifícios entregues aos Querubins, e que à partir desse sacrifício se originam os Arqueus, os Espíritos do Tempo, e que o calor não é senão um reflexo exterior, uma ilusão, "Maya", frente aos sacrifícios dos Espíritos da Vontade. Mas é assim: o calor exterior não é mais que ilusão, "Maya". Se queremos falar de acordo com a

verdade, temos que dizer: onde quer que se perceba o calor, existe na realidade sacrifício, o sacrifício dos Tronos ante os Querubins.

Existe uma boa imaginação que é a seguinte: no livro "Como se obtém o conhecimento dos Mundos Superiores?" e, também, em outras ocasiões, se mencionou com freqüência, que a formação de imaginações constitui a segunda etapa da iniciação Rosa Cruz. O antropósofo deve formar essas imaginações à partir de representações corretas sobre o mundo. Dessa maneira pode transformar o que falamos hoje, convertendo-o em uma imaginação da índole de uma fantasia: Os Tronos, os Espíritos da Vontade, ajoelhados diante dos Querubins em atitude de completa abnegação, em atitude de entrega similar à coragem, mas a entrega não nasce da sensação de pequenez, mas sim, da consciência de possuir algo que pode ser sacrificado. Os Tronos, em sua vontade de sacrifício, que está baseada na força e na coragem, ajoelhados diante dos Querubins, elevando até eles o seu sacrifício, e o elevam com calor borbulhante e as chamas do sacrifício ascendem até os Querubins alados! Essa poderia ser a imagem. E, à partir desse sacrifício – como se pudéssemos pronunciar a palavra para o ar e a palavra fosse o tempo, mas o tempo como entidades –, à partir de todo esse processo se originam os Espíritos do Tempo, os Arqueus. Este enviar dos Arqueus dá uma imagem grandiosa e poderosa; esta imagem, quando a temos diante de nós, é uma ajuda extraordinária para certas imaginações que nos farão avançar cada vez mais no campo do conhecimento oculto.

É principalmente isso que nós devemos alcançar: transformar as representações recebidas em imaginações, em imagens, ainda que essas imagens sejam um pouco desajeitadas. Ainda que sejam antropomorfas. Mesmo que esses seres se pareçam com anjos alados, isso não tem importância. Finalmente o outro nos será dado e o incorreto desaparecerá por si só. Nos entregarmos com devoção a estas imagens é o que nos leva paulatinamente até esses seres.

Vocês verão que frente ao que eu caracterizei como seres plenos de coragem, saturados de sabedoria, a alma terá que recorrer imediatamente a imagens distantes dos conceitos intelectuais. Esses últimos, devem sua existência a feitos muito posteriores a esses fatos. De modo que, essas coisas, de imediato, não devem ser tomadas intelectualmente. Vocês têm que compreender do que se trata. Quando certos espíritos humanos, dotados de clarividência ingênua descrevem algo, descrevem de uma maneira diferente da dos homens racionais. Por essa razão, os homens racionais jamais compreendem corretamente a esses espíritos. Quem quiser se informar sobre isso, pode fazer o seguinte: tirem da Biblioteca Universitária um livro muito bom, o chamado "Velho Schwegler". Antigamente, os estudantes gostavam de usá-lo antes dos exames, mas desde que a alma foi destituída, ele não é mais útil. Se bem que tenha sido melhorado\piorado por uma revisão, o livro não chegou a ser distorcido de todo. É uma história da filosofia sob o ponto de vista de Hegel. Quer dizer, se vocês pegam a "História da Filosofia" do velho Schwegler, obterão, uma boa imagem do concernente à filosofia antiga, incluindo a de Hegel, cuja descrição é excelente. Mas, não deixem de ler também, o curto capítulo que se refere precisamente à Jacob Böhme e tratem de representar, se com toda clareza, a importância de um ser humano que escreve uma filosofia racional, frente a um espírito como Jacob Böhme. Afortunadamente ele omitiu toda a menção a Paracelsus; caso contrário teria escrito algo

terrível. Mas leiam o que ele diz sobre Jacob Böhme. Schwegler se aproxima aqui de um espírito, diante do qual tinha surgido, ingenuamente, não a imagem de Saturno, e sim, da repetição saturnal na Terra. Encontra-se com o espírito que não pode fazer outra coisa senão descrever mediante palavras e imagens que são inatingíveis para o intelecto. Diante disso, cessa qualquer compreensão por parte do pensar racional. Não que essas coisas sejam absolutamente incompreensíveis, mas o são para aqueles que se mantêm no nível do seco intelecto filosófico comum.

Vocês percebem que o mais importante é precisamente elevar-se até aquilo que é inatingível pelo intelecto comum. Se bem que o intelecto comum produza resultados tão excelentes como a "História da Filosofia" de Schwegler – que propositadamente chamei "bom" livro – não obstante, não deixa de ser um exemplo do impenetrável que é para um intelecto magnífico, um espírito como Jacob Böhme.

Dessa maneira, observando o antigo Saturno, tentamos nos aproximar mais interiormente dessa remota incorporação planetária de nossa Terra. A seguir, faremos o mesmo com a existência solar e lunar e, também, chegaremos a conceitos que, talvez, não nos parecerão menos grandiosos que aqueles que obtivemos quando divisamos o antigo estado de Saturno e surgem em nós o vislumbres dos Tronos que elevam seu sacrifícios até os Querubins e que criam os seres do tempo como resultado do seu sacrifício. Então o tempo é um resultado do sacrifício e surge, primeiramente como tempo vivente, como criatura do sacrifício. Logo veremos, como tudo é transformado no sol e encontraremos outros processos grandiosos da existência universal, quando passarmos de Saturno ao sol e depois à existência lunar.